

# **“ME” VOU PILCHADO PRA AULA, UM TENTO ATANDO OS “CADERNO”, QUE EU SOU O PRÓPRIO RIO GRANDE CRUZANDO O MUNDO MODERNO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A CONSTRUÇÃO E ATUALIZAÇÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA NO IF SUL CAVG**

**CRISTIANO LEMES DA SILVA<sup>1</sup>; FRANCISCO PEREIRA NETO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lemessilva1982@gmail.com](mailto:lemessilva1982@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [francisco.fpneto@gmail.com](mailto:francisco.fpneto@gmail.com)

## **1. INTRODUÇÃO**

O estudo aqui proposto consiste em explorar o que será produzido em cada capítulo da dissertação a qual será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O texto busca contribuir para a compreensão do processo de construção e atualização da identidade gaúcha entre os estudantes do ensino médio-técnico do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Visconde de Graça (IF Sul CaVG) o qual será abordado nesta pesquisa como CaVG. O estudo desenvolvido junto aos alunos e alunas desta instituição escolar insere-se como desdobramento de um projeto amplo e interdisciplinar denominado Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras (INRC) o qual tinha como objetivo inventariar as práticas campeiras na região de Bagé/RS.

Nesse estudo, deseja-se evidenciar o contexto que compõe tais construções e atualizações as quais podem ser entendidas como uma intrínseca relação dialética entre o tradicional e o moderno. Deste modo, objetiva-se contribuir para a interpretação dos significados atribuídos e negociados pelos sujeitos, visto que, a coexistência de uma “efervescência tecnológica”, configurada através da produção técnica e tecnológica na escola e, a identidade gaúcha, fortemente constituída pela existência de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), remete o pano de fundo deste estudo.

A pesquisa conta com “conceitos chave” como o de identidade, o qual de acordo BARTH (2000) é relacional e situacional sendo constituída pelos próprios sujeitos, isto é, todos os símbolos, manifestações, bem como, padrões de valores são exibidos ou negados de acordo com o contexto. Os conceitos de tradição e modernidade completam a trinca conceitual que sustenta este trabalho, assim, a tradição é pensada a partir de HOBBSAWM (1997) que a define como um elemento que se constitui no contexto do Estado-Nação e, portanto, da modernidade. Quanto à modernidade, de acordo com HABERMAS (1992), o projeto da modernidade se constituiu através de um esforço intelectual dos iluministas no século XVIII o qual tinha como objetivo promover o desenvolvimento da ciência, da moralidade, das leis universais e da liberdade artística.

## **2. METODOLOGIA**

O embasamento teórico aqui exposto é o qualitativo que se caracteriza pela combinação de técnicas de investigação cuja preocupação é de associar os objetivos da investigação e técnicas de pesquisas culturalmente relevantes. Deste modo se constitui o estudo antropológico, fundamentado no método etnográfico e na teoria antropológica, pois, ambos se fundem no processo de invenção do antropólogo acerca do objeto de estudo. A ideia de invenção condiz com o

conceito de WAGNER (2012) onde a invenção não é entendida como algo fantasioso e fictício, mas sim, como fruto da capacidade criativa e produtiva dos sujeitos. Assim, o texto etnográfico torna-se prova científica do pesquisador, prova esta que é inventada tanto pelo pesquisador quanto pelos sujeitos do grupo estudado. De acordo com WAGNER (2012), o antropólogo, ainda que por vezes possa recorrer à amostragem, está comprometido com um tipo diferente de rigor, baseado na profundidade e abrangência de seu entendimento da cultura estudada.

A pesquisa de campo deste estudo baseia-se em participar do cotidiano do grupo social estudado, portanto, dos alunos e alunas do curso médio-técnico em agropecuária do CaVG. Vale ressaltar, a importância de estabelecer relações sociais com o grupo através de conversas informais e entrevistas semiestruturadas, buscando perceber a mais profunda criatividade do grupo a ponto de ser tomado, enquanto pesquisador, como produto inventado do grupo social estudado.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O primeiro capítulo da dissertação: CaVG – De Educação Patronal à Educação Tecnológica, consiste em explorar a partir de diferentes discursos, a constituição histórica da escola tendo como ponto de partida o livro: CAVG – A História de um Patronato (1996), escrito pelo professor e ex-diretor Leonel Antunez o qual me concedeu uma entrevista e se considera um organizador da história do CaVG que, segundo ele, já existe. A narrativa produzida pelo professor Leonel teve como fundamentação os fatos históricos, datas, documentos e objetos, no entanto, esta narrativa passa a ser atravessada por outros discursos (outras entrevistas). O cerne dos discursos sobre o CaVG pode ser entendido quase como uma narrativa mítica sobre a escola, pois, tamanha é a devoção dos narradores.

A narrativa versa que a escola iniciou suas atividades em 1923 com o nome de Patronato Agrícola Visconde da Graça e o objetivo da instituição era atender o homem do campo através do seu filho, pois, a intenção era impulsionar a lavoura. A gênese da escola tem o seu vínculo fortalecido com o homem do campo, visto que, tratando-se de uma escola rural localizada no sul do Brasil, a figura do gaúcho e/ou gaudério passa a ter a tradição gaúcha como modo de vida e o campo como ambiente motivador. Enquanto Patronato Agrícola, muitos alunos chegavam à escola para serem alfabetizados, a proposta central na época se constituía na alfabetização rural com noções elementares de zootecnia e agricultura. Os primeiros alunos a se formar na escola, na condição de técnicos agrícolas, foram apenas em 1952 a partir da Lei Orgânica do Ensino Agrícola de 1946. Na década de 1970 a escola passou a chamar-se Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG) e assim, anexando-se a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) permanecendo assim por mais de quatro décadas tornando a sigla “CAVG” popular na comunidade. Após um plebiscito, a comunidade escolar decidiu, em 2010, deixar de ser uma unidade da UFPEL passando a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense o qual é composto por treze (13) campus sendo dois (2) em Pelotas/RS: o Campus Pelotas, antiga Escola Técnica de Pelotas e o atual IF Sul CaVG, objeto de estudo desta pesquisa.

O capítulo etnográfico: O Universo CaVG e seus Mundos Culturais, consiste na exploração da experiência de campo embasada pela teoria antropológica. Minha convivência com professores e alunos traduziu-se em um texto etnográfico

preocupado em estabelecer com eles uma relação, pois, a compreensão de outra cultura envolve duas variáveis do fenômeno humano, ela visa à construção intelectual entre elas, isto é, uma compreensão que inclua ambas. Deste modo, o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo e investigar a si mesmo. (WAGNER, 2012)

Durante a experiência de campo me encontrei, simultaneamente, em dois mundos culturais: o mundo da tradição, dos gaúchos do CTG enquanto estudantes do ensino médio-técnico e o mundo da ciência e urbano o qual vinha. Vale ressaltar, que este conceito de mundo cultural o qual me refiro esta relacionado à ideia de um mundo de pensamento coletivo, uma vez que, de acordo com DOUGLAS (2004) o pensamento coletivo parece funcionar como uma mente individual visível porque muitas pessoas possuem ou estão possuídas. Naquele momento, me encontrava ao mesmo tempo, como urbano, estudante de antropologia e com todas as abstrações acadêmicas pautadas por teorias e conceitos, por outro lado, como ex-aluno da instituição, cheio de memórias e, de certo modo, revivendo o tempo de estudante do CaVG, convivendo e aprendendo com alunos e professores de hoje, os quais, em princípio, me identificavam como aluno da agronomia ou, pelo menos, ligado às ciências agrárias.

No último capítulo: Técnica e Tradição a Serviço da Formação, busco elaborar um arcabouço teórico apontado a partir do estudo etnográfico, apresentado no capítulo anterior, tendo em vista o quanto é importante o conhecimento do mundo da técnica, assim como, o conhecimento do mundo da tradição gaúcha e conseqüentemente, do campo para a formação do técnico em agropecuária. Parece ser inevitável à relação do gaúcho e/ou gaudério com o curso técnico em agropecuária, à medida que o homem campeiro tem a lida do campo como principal atividade e a escola, por sua vez, ministra conteúdos sobre essa lida do campo, no entanto, com um pouco mais de tecnologia, mais critérios, dimensões, medidas, com mais noções preventivas, em outras palavras, todos os recursos técnicos e tecnológicos desde o início da instituição, como Patronato Agrícola, tiveram um papel importante, o de impulsionar a produtividade rural. Atualmente, os professores que ministram as aulas técnicas como: climatologia agrícola, costumam chamar a atenção dos alunos quanto a importância do futuro técnico agrícola saber a diferença entre produção e produtividade, pois, produção acontece sempre, se nascer um pé de arroz é produção, mas, a produtividade significa dizer, em valores monetários, o quanto foi produzido por hectare de uma determinada cultura.

#### **4. CONCLUSÕES**

Sendo assim, as observações estão apontando para um dinamismo capaz de produzir uma identidade gaúcha constituída não por uma espécie de representação de um tipo social originário do sul do Brasil, pois, esta representação parece restringir o sujeito a desempenhar um papel ativo na constituição da realidade, a representação condiciona o indivíduo a uma encenação de um ideal gaúcho tendo como palco o Centro de Tradições Gaúchas (CTG). Portanto, o estudo ainda em fase de polimento teórico e metodológico, vem apontando para um entendimento de uma identidade gaúcha fluída e ativada por uma apresentação dos sujeitos, ainda que, o CTG faça parte deste cenário social, os indivíduos são entendidos como produtores e inventores de cultura, essa afirmativa pode ser encontrada na convergência de diversas tradições intelectuais contemporâneas que consideram as realidades das pessoas como sendo culturalmente construídas.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, José Leonel da Luz. CAVG: história de um patronato / José Leonel da Luz Antunes. – Pelotas: Ed Universitária / UFPEL, 1996. 167 p. Il.

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações. – Fredrik Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

DOUGLAS, Mary. Como pensam as instituições, Tradução: Mônica Pinto, Instituto Piaget, 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HABERMAS, Jurgen. Modernidade – um projeto inacabado. In ARANTES, O., ARANTES, P. Um ponto cego no projeto moderno de Jurgen Habermas. São Paulo: Brasiliense. 1992.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Tradução Celina Cavalcante, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

VICENTE, M A. O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923 – 1934): gênese e práticas educativas, 2010. Dissertação (Dissertação em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

WAGNER, Roy. A invenção da Cultura. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 384 pp.